

JOSÉ CARDOSO PIRES:

«Temos palavras a mais para esconderem ideias a menos»



José Cardoso Pires: «Para mim, insisto, a fome não é apenas um problema de sobrevivência física.»

SEARA NOVA — No texto «A Charrua entre os Corvos», que antecede os contos do seu último livro, afloram-se certos problemas com uma originalidade de vistas que desconcertou alguns leitores. Por exemplo, a afirmação de que «a fome é cada vez menos um tema de Literatura».

JOSÉ CARDOSO PIRES — Os populistas e os demagogos falam da miséria e da fome com um exibicionismo sensacionalista de angariar clientela. São também eles que, quando descrevem os camponeses, os carregam de um folclorismo negro, tão convencional, no fim de contas, como o folclorismo cor-de-rosa com que as meninas de bom coração fazem poesia sobre a santa gente das aldeias. Ambas as posições são aristocráticas, embora de sinal contrário.

O neo-realismo e os deserdados

SEARA — No entanto, «Vidas Secas», «Vinhas da Ira» e tantas obras válidas empenharam-se em descrever a fome.

CARDOSO PIRES — A fome não é um tema tabu. O que eu digo é que, em 1936 e na idade dos astronautas, a fome elementar, é uma

acusação tão grave como era a lepra, depois de descobertas as sulfonas. Conhecem-se-lhe as causas e o remédio. A Literatura, para a considerar como tema, terá de a despojar dos exotismos sentimentalistas para lhe conferir uma representação imediata. Para uma interpretação imediata estão a Ciência e a Sociologia que, muito mais eficazmente a podem representar. Para mim, insisto, a fome não é apenas um problema de sobrevivência física. É uma questão de se impossibilitar o homem de servir-se das suas múltiplas capacidades e de ser útil, de realizar-se. A minha observação dirigia-se principalmente aos escritores que se dizem neo-realistas apenas porque escolhem os deserdados para a figuração dos seus romances.

SEARA — Claude Roy, em «La Main Heureuse», refere-se à perenidade dos chamados temas essenciais da Literatura. Em que medida concilia esse conceito com o que acaba de dizer?

CARDOSO PIRES — Um materialista como Roy ou como Edmund Wilson pode estar perfeitamente de acordo com um formalista como Damaso Alonso sobre um mesmo postulado que, de resto, qualquer deles tem interpretado a seu modo. Mas estão de acordo enquanto postulado, porque daí em diante as divergências de conceitos opõem-nos. Com a evolução do mundo os temas eternos despem-se das suas mitologias. A fome transforma-se porque a posição do homem perante o problema social da fome se transformou. A guerra (outro assunto eterno) é hoje vista sob um ângulo

diferente. O homem do nosso tempo sabe que ela é difícil de se declarar porque já não respeitará os esquemas convencionais. Por isso, a opinião pública (isto é, a opinião daqueles que vão ler os romances sobre a guerra) encara esse acontecimento sem as gloriosas mistificações com que outrora os príncipes conquistadores se nimbavam para arrastar as populações nas suas cruzadas comerciais. Fui mais claro agora? Vão ser necessários alguns séculos ainda para que o drama de Romeu e Julieta deixe de ser actual. Isso só acontecerá numa época em que já não haja paralelismos «actualizados» das falanges dos Montecchios e dos Capuletos capazes de enquadrar a verdade sentimental dos dois heróis.

SEARA — Considerando que «Jogos de Azar» reúne contos publicados com intervalos de três anos, existe alguma identidade que os associe?

CARDOSO PIRES — «Jogos de Azar» é como que o balanço de uma concepção de conto, através da qual eu reagi, desde 1949, ao psicologismo modernista e simultaneamente aos casticismos de linguagem então em voga nalguns autores neo-realistas. A preocupação de uma linguagem sem ornatos vem daí, e data dos meus primeiros contos.

Um «dicionário de cem palavras»

SEARA — O distanciamento do autor em relação ao objecto é geralmente referido como causa desse tipo de linguagem literária. A defesa de um «dicionário de cem palavras» (a expressão é sua e várias

vezes usada) pode deduzir-se de uma atitude semelhante?

CARDOSO PIRES — Os meus primeiros contos foram buscar a sua estrutura à «short story» americana. Podia ter ido ao Fialho e talvez tivesse ficado mais mal servido. Mas Vittorini, Pavese, Calvino, Marguerite Duras (chega?) foram à mesma cepa e tinham lá em casa bem melhor prata do que aquela que nos deixaram o Fialho ou o Eça. De qualquer modo, a pergunta tem a sua justificação. Óscar Lopes falou a meu respeito de certo *behaviourismo* de situações que está efectivamente no enquadramento desses contos e que obriga ao tal distanciamento a que se refere.

No entanto, e por amor da verdade, só por isso, chamo a atenção para o facto de esse distanciamento e essa atitude «testemunhal» já estarem presentes na nossa literatura, com Fernão Mendes Pinto. Mário Dionísio soube detectar esse eco longínquo. «As Cartas» e a «Peregrinação» são desde a juventude o meu livro favorito. Sem snobismo...

SEARA — *Quais, a seu ver, os escritores contemporâneos que atingiram maior depuração formal?*

CARDOSO PIRES — Carlos de Oliveira.

A busca de um dialecto literário não se impõe somente em Portugal. A Itália enfrenta a mesma necessidade, por outras razões, é certo. Temos uma linguagem torturada pelas sebatas coimbrãs, um estilo, burocrático, pseudo-técnico que disfarça uma mentalidade aristotélica e uma erudição abstracta. Aquilino disse-me uma vez que a nossa linguagem era pobre porque tinha palavras a mais. Nunca deixei de meditar nesta frase. Temos palavras a mais para esconderem ideias a menos. De resto, quando os bem pensantes se vêem em dificuldades recorrem às palavras e não às ideias. Mudam o nome às coisas e os problemas passando a ter outras coisas, deixam de existir.

SEARA — *João Gaspar Simões escreveu que em toda a sua obra se observa uma posição antimarialvista.*

A asserção ajusta-se a «Jogos de Azar»?

CARDOSO PIRES — A dois contos, sobretudo. À «Rapariga dos Fósforos» e ao «Ritual dos Vampiros».

SEARA — *Qual foi o comentário à «Cartilha do Marialva» que, na sua opinião, melhor a interpretou?*

CARDOSO PIRES — O de Alberto Ferreira, que é uma lúcida análise feita com prazer de leitura; as anotações de Pinheiro Torres e a interpretação de Gaspar Simões porque discutiu o problema em unidade; o mais exaustivo foi publicado pelo prof. Costa Lima no Rio de Janeiro que trouxe numerosas contribuições e novas fontes eruditas para o aprofundamento da questão.

SEARA — *Esses novos aspectos serão incluídos numa reedição da «Cartilha»?*

CARDOSO PIRES — Acho que sim. O livro saiu, como sabe, numa edição de luxo de 350 exemplares. Foi pouco lido e muito falado pela rama. Cunha Leão, por exemplo, redigiu no «Diário de Notícias» uma prosa alegre e distraída em que partia do princípio de que o marialvismo já era tema gasto porque sempre tentara os ensaístas. Como ninguém até



José Cardoso Pires: «A leitura traquinas de Cunha Leão era um requintado exercício de humor».

ali escrevera sobre o assunto; como o vocábulo marialvismo jamais fora usado com um conteúdo sociológico; e, finalmente, como grande parte da «Cartilha» se ocupava em definir esse termo — concluí que a leitura traquinas de Cunha Leão era um requintado exercício de humor. O poeta de «Enigma Português» arruma com grande facilidade os enigmas dos outros — coisa que, pela minha parte, muito lhe agradeço.

UMA COLEÇÃO AO SERVIÇO
DE PROFESSORES E ALUNOS
DE LITERATURA PORTUGUESA

TEXTOS LITERÁRIOS



Pedidos à «SEARA NOVA»

Rua Luciano Cordeiro, 103, 1.º — LISBOA-1 — Tel. 5 13 03